

PROFISSIONAL APAIXONADA

Desde que descobriu seu encantamento pelas áreas externas,
Neusa Nakata se dedica a criar projetos contemplativos e funcionais

Por Vanessa Sarzedas Fotos Zé Gabriel

Apesar de muitas vezes ser associado à natureza, o paisagismo é mais do que isso. Engloba, por exemplo, a escolha de revestimentos e mobiliários que compõem os espaços, a iluminação de cada ambiente, os equipamentos de lazer e os caminhos de acesso ao jardim. Por conta desses inúmeros detalhes, a criação de um projeto paisagístico depende de planejamento, estudo e muita técnica, características sempre presentes nos trabalhos de Neusa Nakata, paisagista com quase 30 anos de carreira.

Fica claro que ela ama o que faz. E esse sentimento é fundamental. “É isso que me move, pois se trata de uma área em que é preciso estar constantemente aprendendo, ou seja, ter contatos com outros profissionais, fazer cursos e viajar, coisas que faço com muito prazer”, diz. Talvez seja por isso que seu escritório, o Neusa Nakata Arquitetura Paisagística, de São Paulo (SP), tenha projetos espalhados por todo o Brasil.

Para Neusa, o bom projeto paisagístico deve ser planejado para as pessoas que irão usufruir desses espaços. “Procuro sempre incluir em meus trabalhos elementos que representem os cinco sentidos (visão, olfato, tato, audição e paladar) por meio das cores, dos cheiros das flores, das texturas dos materiais, do barulhinho das fontes, cascatas e dos sons vindos dos pássaros, atraídos pelas espécies frutíferas, e do gosto das frutas”, diz.

Poder contribuir para a melhoria do meio ambiente utilizando elementos que causam bem-estar nas pessoas é uma das premissas dos projetos de Neusa. “Gosto de surpreender. Crio, por exemplo, caminhos sinuosos que o levem a um ‘cantinho’, até então desper-

cebido, que tenha uma bela escultura, um espelho-d'água ou uma vegetação exuberante.”

Embora hoje ela tenha todo esse cuidado em projetar pensando em cada detalhe, quando ingressou no curso de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), em São Paulo – onde se formou em 1984 –, Neusa nem pensava em fazer paisagismo. “Nunca tive dúvida sobre o curso que escolhi, sempre gostei de desenhar e ver revistas de decoração. Porém, no terceiro ano da faculdade, quando tive a disciplina de Paisagismo, me encantei.” O interesse em aprender cada vez mais a levou a comprar publicações sobre o assunto, fazer aulas optativas e cursos extras sobre o tema. A essa altura, a decisão já estava tomada.

Neusa fez estágio em escritório de arquitetura, mas logo passou a se dedicar à área que tinha escolhido para seguir carreira. “Mesmo nessa época, como sabiam que eu gostava de paisagismo, quando havia projetos para áreas externas, me davam para fazer. Mas eram coisas bem pequenas”, conta. Um de seus primeiros trabalhos em São Paulo foi um cadastramento de árvores significativas da cidade para a prefeitura. “Foi muito gratificante fazê-lo. Tive boas noções de preservação e legislação ambiental.”

Hoje, sempre que se depara com plantas nativas que possam ser incluídas no projeto tenta convencer o cliente a mantê-las e, mesmo que isso não seja possível, luta para que as espécies que serão inseridas no projeto sejam transplantadas e não cortadas. “Se existe algum profissional nesse ramo que pode fazer a diferença para o meio ambiente, é o paisagista; afinal, trabalhamos com o verde”, justifica.



Acima, o Villaggio Panamby, um dos projetos desenvolvidos por Neusa para a OAS Empreendimentos. Abaixo, a paisagista em seu escritório, na capital paulista, onde atua há 13 anos



Depois de muitas experiências e, claro, muito conhecimento adquirido, Neusa se sentiu confiante para abrir seu próprio escritório, onde atua há 13 anos. Ali, ela e sua equipe desenvolvem projetos paisagísticos – e exclusivamente eles, pois não são responsáveis pela execução – em sua maioria para empreendimentos comerciais e residenciais, como o Villaggio Panamby, Manhattan e Costa España, que ela desenvolveu para a OAS Empreendimentos.

Integração

Segundo a arquiteta paisagista, assim como a paixão pela profissão, outro aspecto fundamental para que realize seu trabalho da melhor forma possível é ter um bom relacionamento com os parceiros: arquitetos, engenheiros agrônomos e a equipe que dará vida àquilo que está no papel, os executores. “Ter contato com o arquiteto que está desenvolvendo o projeto é fundamental. Ele é o protagonista e nós somos os coadjuvantes, cujo papel é valorizar o trabalho dele e, conseqüentemente, conquistarmos o sucesso juntos”, acredita.

A profissional diz isso porque, quando o projeto chega a suas mãos, a área construída no terreno já está determinada e a ela cabe

definir como a área que restou será dividida. “É preciso saber quem serão e o que esperam os usuários daquele empreendimento – se são recém-casados, idosos, famílias – e então definir como esse espaço será aproveitado. Nosso trabalho não se resume a escolher as ‘plantinhas’, como muita gente pensa. Tudo o que está na área externa fica sob nossa responsabilidade”, destaca.

Segundo ela, é por isso que é tão importante essa integração com os demais profissionais. “Caso haja alguma dificuldade com a instalação hidráulica ou elétrica, por exemplo, o engenheiro responsável conversa comigo para pensarmos juntos em uma solução ou, em último caso, até pede para que eu faça alguma alteração no projeto. Esse diálogo é essencial”, completa.

Verde que dá vida

Depois de definida a distribuição dos ambientes na área externa, é hora de escolher a estrutura de vegetação. “Acredito que, com o paisagismo, você pode tirar partido de elementos construtivos que, com o uso de espécies vegetais, podem criar os mais diversos efeitos. Para mim, o sentido de tudo isso é causar uma sensação bacana no usuário, mesmo que ele não saiba explicar o que é”, revela.

Para selecionar as espécies que comporão esse cenário é preciso avaliar também a localização geográfica do empreendimento. “Em regiões próximas do mar, como é o caso do Costa España, em Salvador (BA), há umidade, ventos fortes, salinidade, e não é qualquer uma que se desenvolve bem ali”, diz. O ideal é que as espécies exijam pouca manutenção, mas, ao mesmo tempo, ofereçam efeitos diferentes. “Devo explorar o máximo que essa vegetação pode oferecer: cores, cheiros, formas...”

Com todo esse cuidado, não é estranho que os projetos criados por Neusa sejam um sucesso. E é justamente isso o que ela busca. “O ponto alto do meu trabalho é quando o cliente entra em contato comigo e diz que sentiu ali tudo o que eu esperava que ele sentisse.” ■